



Revistas da Causa
Rev. de Jauá

ANNO I.

TERESINA 20 DE AGOSTO DE 1883.

NUMERO 1.

PROMETHEU

ORGÃO LITTERARIO E NOTICIOSO.

REDACTOR — THAUMATURGO VAZ.

Publica-se 2 vezes por mês

Assigna-se a 400 reis mensais.



PROMETHEU.

Theresina, 19 de Agosto de 1883.

Em substituição a «Bala» eis o «Prometheu».

E tão forte quanto ella.

Se mudemos o nome do nosso lideador a razão está a vista de todos.

Não apropriava-se a escritos sérios, pois encerrava em si uma ideia de critica, — o que era de encontro as nosso programma.

O «Prometheu» é o seu successor favorito.

O companheiro ousado dos Titãides de certo nos levará à Canaan do progresso.

Debaixo d'un céo estrellado e diaphano, — o pai de Deucalião creará novas forças e irá buscar o fogo sagrado da sciencia para reanimar sua divina criatura; o genio !

Se encontrar outro Jupiter que não consinta que elle restitua aos homens o que lhes pertence. — não esmorecerá, tentará de novo até que a palma viridente dos seus sonhos lhe seja concedida !

Se aparecer outra Debora — o filho de Japeto e de Clymena não ovirá suas tentações.

Se um inexperiente Epimetheu receber a fatal caixa, condutora de todos os males, — o novo «Prometheu» a arrehatará de suas mãos e a impellirá para os abyssos da infamia.

Não se curvará ante o poder da traição, porque elle é nada ante a razão !

Se, finalmente, o perseguido «Prometheu», em castigo de sua audacia e intrepidez for ligado sobre o cancaso da decadencia e um abutre a ignorancia lhe roer constantemente o fígado, — como o Prometheu das antigas lendas seu fígado renascerá até que appareça um Hercules que o livre deste supplicio; e, assim, conseguirá os seus fins.

— Incolas do adiantamento — o vosso apoio ao «Prometheu».

LITTERATURA.

No cemitterio.

(DIVAGAÇÕES)

A' Alvara Pereira.

A noite vai em meio...
A lúa já pende esmorecida deixando uns reflexos suaves e frouxos que

se derramão docemente sobre a terra.

As auras bemfazejas fazem tremer as petalas humidas dos esguios ciprestes.

Tudo é tetrico.

Uma folha se aptando: a brisa no seu perpassar somnolento, fazendo murniúrios melancolicos que se ameigão à proporção que beija uma ou outra rosa; a pallidez funerea da lua que se espôsa maravilhosamente com a pallidez marmorea das tumbas, a harmonia esplendorosa que alinda ligeiramente o rouxinol com o piar monotono do mocho solitario. Tudo, tudo nos conduz à um mundo phantastico e ignoto !

Aqui, uma rosa se esfolha meigamente e suas petalas ainda falgidas se quedam langorosas, confundindo-se com o orvalho que as acaricia pela ultima vez. A sua cor rórida se langue... um pallor fugitivo assoma em seus labios prostitutas ao contacto impuro da borboleta sedutora...

Ja não vive.

Alli, o perfume flôrido da brisa se une ao aroma inebriante das florinhas silvestres.

Alem, um cão ladra, um mocho pia, um fogo crepita, a lua desmaia, um cipreste se balouça no galho...

...

É meia noite. Estamos no cemiterio. A capella se ergue mortuaria pela penumbra dos horisontes.

Nas cristas do monte vizinho uma cinta azulada parece abraçar uma

palmeira que se destaca como por encanto.

—É um quadro esplendido.

Na parte exterior do edificio misterioso vê-se uma cruz enlacada com uma toalha.

—É o emblema do martyrio.

Entremos. Abramos esta porta cujos gonzos enferrujados, ao se separar, parecem com o tinir de cadeias.

O aspecto é tristonho.

A multidão dos tamulos recorda uma cidade em ruinas. As ruinas jamais se acabarão: são sempre sublimes.

As catacumbas, em desmoronamento, nos levão aos tempos da antiga Grecia.

A sombra dos guerreiros do passado preside esta scena nocturna; a sombra dos pensadores hodiernos se mostra com mil irradiações !

Alem — vagneia a lua...

Um padre moço, de feições cada-vericas, encaminha-se taciturno para a capella.

A voz popular diz ser o parochio da cidade.

Superstição, — mas, no entanto, respeitemos a crença.

O povo é sempre grande.

Ajoelho-me...

Naquelle instante um indeciso raio da pallida phebe se derramava na fronte de phantasma...

O ministro de Deus, ergueu olhos piedosos aos céos. Seus joelhos curvarão-se...

Ouve um gemido surdo e depois soluços pungentes se misturavão com o canto funebre da coruja...

O padre chorava...

...

Os esplendorosos raios do astro matutino despertarão-me de minhas divagações misteriosas !

Tinha acordado.

Levantei-me bastante impressionado.

O sol estava em todo o seu brilho.

O sábio concertava nma nota dulciorosa que desprendeu apoz um trinar saudoso !

Lauro.

Em 11 de agosto de 1883.

A despedida.

A aurora já desponta... O sábio ensaiava uma canção harmoniosa, mais doce que os fabios d'Iracema.

Tudo é poético sobre a terra: a manhã está esplendorosa.

Estellina espera o amante querido nas vizinhanças do jardim. Chora.

Eis que chega Leoncio.

Seus olhos estão ensombrados; suas faces tremem; seu corpo lamente-se. Sofre.

Estellina vai ao seu encontro. Um abraço, um só, mas profundo como a imensidão, sublime como o ignoto, é o signal da separação. Leoncio vai partir. Sens labios não dizem uma palavra.

O silencio é tudo.

— O sábio deixou de cantar e os dois amantes separarão-se.

Na terra tudo é chimerico: a realidade não é mais do que a illusão com outras vestes.

Pepita.

11 de agosto.

Esboços...—Biographias de estudantes.

NASCIMENTO FILHO.

Tem vint' annos. Talento mini secundo,
Faz seus versos com graça,—docemente
Não estuda. Sua vida é fer romance
Só frequenta o liceu ss não vê lente....

RAIMUNDO ARTHUR

Escreve poesias, faz discursos
Deseja ser doutor de engenharia,
Vai para corte em outubro, com sandaes
Das pequenas que deixa em rebelia....

FABIO COSTA.

E moço. Vinte e uma primaveras
Tez marmorea, nos labios um sorriso...
Poeta, litterato que promette;
Quer ser padre... (coitado !) mas tem sizo.

COSTA JUNIOR

Poeta como o outro. Tão sublime !
Estuda p'ra morrer o pobre moço...
O melhor folhetim do «Telephone»
E' do craneo febril deste colosso !

EMILIO BURLAMAQUE.

E' bonito (olh'a corte) e é creança....
Fecund'intelligenciainda em botão;
Redigia com gosto a «Philomela»;
Não ama... tem de gêlo o coração !

ALVARO PEREIRA.

Este moço de cõr alaranjada
Move a penna ligeiro, com ardor.
E' poeta e amigo da verdade
Mui pacato, dançando com primor.

(Continua)

Tiquira.

Ternuras e mais ternuras
Em morada nunca vi;
Por causa dessas ternuras
Toma na vento, *Lili*.

Nunca ninguem quiz contar-me
Haver campinas aqui;
Por causa dessas campinas
Toma na vento, *Lili*.

Ah ! si podesse, menino,
Eu te botava o *Cri-cri*;
Por causa da Theresina
Toma na vento, *Lili*.

Disseste que onvir abrisa
E' mesmo tomar *tiqui*;
Por causa do som da brisa
Toma na vento, *Lili*.

Papagaio, rico louro,
Saracura, bem-te-vi
Por causa de já ser tarde
Adeus, adeus, meu *Lili*
Zé canna-brava.

NOTICIAS

Jornaes.—Temos mais sobre a nossa banca os seguintes: *Observador*, *Conservador*, *Trabalho*, *Papagaio*, *Preceptor*, *Baependiano*, *Estandarte* e *Cri-cri*.

O ultimo é desta capital.

Tem como redactor um dos jovens mais intelligente o nosso amigo Jurgutha Couto.

Agradecemos a offerta e retribuimos com o nosso modesto *Prometheu*.

«Brogue» — No dia 12 do corrente, percorreto pelas ruas desta capital um immundo pasquim com este titulo. O engracado comediantre que o redige mostra ter muito conhecimento.....

Segundo nos informão é redigido pelo jocoso  **Pedro Velloso**.

Miseret me tui.

Ther.—Typ. da EPOCA—1883.